

## RELAÇÃO AFETO-INTELECTO E A PROPOSIÇÃO DE UNIDADE SEMÂNTICA NA ABORDAGEM VIGOTSKIANA DA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Lavínia Lopes Salomão Magiolino<sup>1</sup>; Fabrício Santos Dias de Abreu<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho problematiza a questão da deficiência intelectual na produção científica de Vigotski em articulação com duas questões centrais que dela emergem: a unidade afeto-intelecto e o sistema semântico da consciência. A dimensão sistêmica e interfuncional atravessa e marca a produção de Vigotski sobre a deficiência intelectual ao defender que funções psicológicas estão organizadas em sistemas que estabelecem constantes conexões entre si, e (con)formam a personalidade a partir de uma determinada textura social. No conjunto dessas proposições, Vigotski coloca o afeto e sua relação com o intelecto como elementos fundamentais para se entender o psiquismo humano em suas especificidades, tais como se apresentam na esquizofrenia, deficiência intelectual. O nosso objetivo, portanto, é revisitar a obra vigotskiana, discutindo: a noção de sistema e as relações entre intelecto-afeto e sua proposição de unidade semântica da consciência - catalisada pela palavra (significação). Defendemos, com isso, que tal proposição e sua articulação com os conceitos de sentido na atividade psicológica são fundamentais à compreensão da deficiência intelectual trazendo implicações práticas e terapêuticas para a psicologia do desenvolvimento.

**Palavras-chave:** retardo mental; Vygotsky, Lev Semenovich, 1896-1934; psicologia histórico-cultural

### The affection-intellect relation and the semantic unity proposition in the vygotskian approach to intellectual disability

#### ABSTRACT

This paper problematizes the intellectual disability issue in Vygotsky's scientific production in conjunction with two central issues that emerge from it: the unity of affect-intellect and the semantic system of consciousness. The systemic and interfunctional dimension permeates and marks Vygotsky's production about intellectual disability when he argues that psychological functions are organized in systems that establish constant connections among themselves, and (con)form the personality based on a given social context. In the set of these propositions, Vygotsky places affect and its relation with the intellect as fundamental elements for understanding the human psyche in its specificities, such as those presented in schizophrenia, intellectual disability, etc. Our objective is to revisit Vygotsky's work, discussing: the notion of system and the relations between intellect-affect and his proposition of semantic unity of consciousness - catalyzed by the word (meaning). We therefore argue that such a proposition and its articulation with the concepts of meaning in psychological activity are fundamental to understanding intellectual disability, bringing practical and therapeutic implications for developmental psychology.

**Keywords:** mental retardation; Vygotsky, Lev Semenovich, 1896-1934; historical-cultural psychology

### Relación Afecto-Intelecto y la proposición de unidad semántica en el abordaje vygotskiana de la deficiencia intelectual

#### RESUMEN

En este estudio se problematiza la cuestión de la deficiencia intelectual en la producción científica de Vygotsky en articulación con dos cuestiones centrales que de ella emergen: la unidad afecto-intelecto y el sistema semántico de la conciencia. La dimensión sistémica e interfuncional atraviesa y marca la producción de Vygotsky sobre la deficiencia intelectual al defender que funciones psicológicas están organizadas en sistemas que establecen constante conexiones entre sí, y (con)forman la personalidad a partir de una determinada textura social. En el conjunto de esas proposiciones, Vygotsky pone el afecto y su relación con el intelecto como elementos fundamentales para comprenderse el psiquismo humano en sus especificidades, tales como se presenta en la esquizofrenia, deficiencia

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil; [laviniam@unicamp.br](mailto:laviniam@unicamp.br)

<sup>2</sup> Centro Universitário Estácio, Brasília, Distrito Federal, Brasil; [fabra201@hotmail.com](mailto:fabra201@hotmail.com)

intelectual etc. Nuestro objetivo, por lo tanto, es visitar la obra vygotskyana, discutiéndose: la noción de sistema y las relaciones entre intelecto-afecto y su proposición de unidad semántica de la consciencia catalizada por la palabra (significación). Defendemos, con eso, que tal proposición y su articulación con los conceptos de sentido en la actividad psicológica son fundamentales para la comprensión de la deficiencia intelectual trayendo implicaciones prácticas y terapéuticas para la psicología del desarrollo.

**Palabras clave:** retraso mental; Vygotsky, Lev Semenovich, 1896-1934; psicología histórico-cultural

## INTRODUÇÃO

A Teoria Histórico-Cultural de L. S. Vigotski (1896-1934) apresenta-se como uma abordagem psicológica original e inovadora sobre o desenvolvimento humano que, ao mesmo tempo, converge à prática e à transformação social. Em um período histórico já distanciado, pós-revolução russa, tal abordagem era entretecida na/ pela intrincada relação com a arte e a educação - que estavam no cerne das preocupações científicas e sociais na busca pela superação do capitalismo.

Os principais aspectos destacados no trabalho intelectual de Vigotski incluem, em uma robusta explicação sobre a constituição histórico-cultural do psiquismo, uma abordagem sistêmica e dinâmica sobre o desenvolvimento humano em seus estudos sobre a pedologia a teoria da supercompensação na análise da deficiência e a relação entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento. Para além disso, sua produção inclui, ainda, elaborações consistentes e inspiradoras sobre arte e educação estética e sobre o que hoje chamamos de educação inclusiva.

Nessa esfera, nos denominados trabalhos defecológicos de Vigotski (1997) - em que pese o nome, característico dos estudos da época - ao analisar as especificidades da formação psicológica considerada atípica, há discussões que envolvem a constituição social da deficiência e as críticas contundentes a modelos societários pautados na exclusão e no escalonamento dos corpos e sujeitos. De forma pioneira para o período histórico em que foi escrita, a obra do autor aponta para a crítica ao que se considera anormal e ao estabelecimento de uma visão mais propositiva para o desenvolvimento afetado pela deficiência.

Mais especificamente nas elaborações do autor sobre a questão da deficiência intelectual, vemos emergir instigantes proposições sobre a centralidade do afeto e do signo na consciência humana e sua confluência à (trans)formação da personalidade - como intentamos apurar nesse texto. A discussão desses pontos levanta questões cruciais sobre sintomas e diagnóstico, bem como sobre abordagens didáticas e metodologias para o trabalho clínico e terapêutico com a deficiência em geral. No entanto, para além disso, tal intento traz questões centrais para uma compreensão do psiquismo e da constituição humana radicada na superação de dicotomias - em especial, da clássica oposição cartesiana entre intelecto-afeto, que está na ordem do dia dos estudos e da política educacional contemporânea.

Embora o interesse pela temática dos afetos apareça de forma mais contundente na fase final da vida de Vigotski - pois as discussões sobre o tema manifestam-se com bastante ênfase em textos da década de 1930, como em *“Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico”* (Vigotsky, 2004), escrito entre 1931 e 1933, e em *“Base biológica do afeto”* (Vigotski, 2020), de 1930 - convém apontar que já está presente em seus primeiros trabalhos e incursões à Psicologia em sua interface com a Educação e a Arte. Como atestam importantes biógrafos (Van der Veer & Valsiner, 2001), sua entrada nesse campo se dá, justamente, pelo vivo interesse em compreender como seus estudantes eram afetados pela literatura e poesia em suas aulas. Por outro lado, é interessante notar como é exatamente, na área dos estudos sobre a deficiência que a problemática dos afetos ganha corpo.

Em trabalho intitulado *“Acerca dos processos compensatórios no desenvolvimento da criança mentalmente atrasada”* (Vigotski, 2018) o autor envereda por uma instigante discussão sobre o afeto, apontando-o como elemento mobilizador da formação dos caminhos indiretos de desenvolvimento, como uma propulsão para que as dificuldades sejam superadas e ocorra a formação dos processos compensatórios. Tal proposição, ainda que ganhe relevo, não é apurada pelo autor nesse momento de sua elaboração teórica. Ela foi (re)tomada em textos posteriores, de maneira ainda mais contundente trazendo importantes contribuições para a área dos estudos sobre a deficiência, mas para além disso, se espraiando para uma compreensão inovadora, complexa e integral do processo de constituição do psiquismo e da personalidade.

No enfrentamento da deficiência, duas noções ou questões centrais emergem: a unidade intelecto-afeto e o sistema semântico da consciência. Neste artigo, nos propomos a (re)tomá-las na abordagem da questão da deficiência intelectual perquirindo as ideias e apontamentos de Vigotski em textos que o autor escreveu sobre isso tendo em vista suas implicações ao desenvolvimento humano. O ponto de partida é radicado nas proposições vigotskianas presentes, especialmente, em seu texto sobre os processos compensatórios e, em seguida, nos textos *“Sobre os sistemas psicológicos”* (Vigotski, 2004) e *“O problema do atraso mental”* (Vigotski, 1997). Como poderemos apurar, quando coadunados, tais textos apontam para uma compreensão sistêmica, interfuncional e semântica do psiquismo humano que

coloca em relevo o problema da unidade intelecto-afeto fundamentada na filosofia espinosana.

O autor defende a ideia de que durante o processo histórico de desenvolvimento do comportamento ocorrem significativas mudanças, não tanto nas funções, mas precisamente nas relações, no nexo das funções entre si. “É por isso, que quando se passa de um nível a outro, com frequência a diferença essencial não decorre da mudança intrafuncional, mas das mudanças interfuncionais, as mudanças nos nexos interfuncionais, da estrutura interfuncional” (Vigotski, 2004, p. 105). Nessa linha argumentativa, ele conclui: “denominaremos sistema psicológico o aparecimento dessas novas e mutáveis relações nas quais se situam as funções, dando-lhe o mesmo conteúdo que se costuma dar a esse conceito – infelizmente amplo demais” (p. 106). É interessante que ele aponta o equívoco de se teorizar antes do tempo e procede à exposição de fatos, perspectivas teóricas e estudos experimentais, com relação ao problema da afasia e da esquizofrenia, no campo da patologia e ao da idade de transição na psicologia genética para elucidar suas teses.

Sua discussão começa pelas funções tidas como mais simples, debatendo as relações entre os processos sensoriais e motores. Então, ele aponta que considerações teóricas e estudos de caráter experimental mostravam que a sensório-motricidade constitui um conjunto psicofisiológico único – defendido pelos gestaltistas como Goldstein, Köhler, Koffka etc. Essa ideia da unidade sensório-motora era, assim, confirmada em animais, crianças muito pequenas ou adultos - para quem esses processos estivessem muito próximos dos afetivos. No entanto, no caso do homem, uma mudança surpreendente se produzia, argumentava Vigotski: a motricidade adquiria, aos poucos, um caráter relativamente independente em relação aos processos sensoriais e esses, por sua vez, se isolavam dos impulsos motores diretos e surgiam entre eles relações mais complexas. Ele apresentava, então, as experiências de Luria com o método motor combinado (quando, então, era possível restabelecer a conexão direta entre os impulsos motores e sensoriais). Nesses experimentos, pelo tipo de movimento se restabelecia a curva das reações internas - tal como é característico nas etapas precoces do desenvolvimento.

Com isso, ele defendia que os processos motores e sensoriais, interpretados no plano psicológico adquirem relativa independência e que a motricidade do adulto é caracterizada pelas novas conexões, novas relações em que essa se encontra alinhavada a outras esferas da personalidade, com as demais funções psicológicas. Mesmo no caso da percepção da criança, ele aponta que esta adquire uma certa independência, de maneira diferente do que acontece com os demais animais: [...] “o desenvolvimento posterior da percepção consiste em estabelecer uma complicada síntese com outras funções, concretamente com a da linguagem. Essa síntese é tão complexa que, salvo nos casos patológicos, se torna

impossível estabelecer a estrutura básica da percepção” (Vigotski, 2004, p. 109).

As funções, diz ele, estabelecem novas relações entre si ao longo do desenvolvimento entrando em complicadas combinações e atuando em conjunto, em sistemas novos, que se revelam bastante difíceis de decompor e cuja desintegração só pode ser observada na patologia - como no caso da afasia. Seus exemplos vão, ainda, na linha de processos intencionalmente mediados como a lembrança de palavras com ajuda de imagens; a criança que lembra com ajuda de imagens apoia-se na fantasia e não apenas na memória, ressalta o autor. Tal processo depende de uma série de novas funções e não só da memória natural em uma espécie de fusão do pensamento com a memória – memória lógica (retomando os experimentos de Leontiev e Zankov, pesquisadores com quem trabalhava em colaboração). Na memória mediada, o pensamento passa a ocupar um primeiro plano: uma pessoa adulta que lembra uma lista de palavras por uma série de imagens se realizam operações que implicam relações mentais entre o signo, a imagem e o que se lembra.

Em todos os exemplos e análises das diferentes funções e suas conexões, Vigotski destaca que há regularidade na formação de novos sistemas que implicam uma questão da conexão no cérebro entre esses novos sistemas, sua relação com o substrato fisiológico e traz a lei geral do desenvolvimento, colocando ênfase no papel da linguagem:

No princípio, é um meio de vínculo entre a criança e aqueles que a rodeiam mas, no momento em que a criança começa a falar para si, pode se considerar como a transposição da forma coletiva de comportamento, para a prática do comportamento individual. (Vigotski, 2004, p. 112).

Uma conclusão importante se coloca: num primeiro momento, toda função superior estava dividida entre duas pessoas – processo psicológico mútuo, um diálogo; mas a medida em que surgem novas conexões entre as funções (fato que desempenha papel central no domínio do comportamento) a criança passa a ordenar e cumprir, a realizar ações dirigidas aos outros e a si mesma. A linguagem se consolida também, nesse processo, como meio de se compreender a si mesma. É interessante que, a seguir, passa a utilizar o termo signo:

Todo signo se tomarmos sua origem real, é um meio de comunicação e, poderíamos dizê-lo mais amplamente, um meio de conexão de certas funções psíquicas de caráter social. Traduzido por nós mesmos, é o próprio meio de união das funções em nós mesmos, e poderemos demonstrar que sem esse signo o cérebro e suas conexões iniciais não poderiam se transformar nas complexas relações, o que ocorre graças à linguagem (Vigotski, 2004, p. 114).

Para além de meios de comunicação social, os signos são centrais para a compreensão das complexas funções psicológicas e as conexões que se criam entre elas, são um meio de conexão dessas funções psíquicas, de carácter social, que se transformam em uma forma de comportamento da própria pessoa, em funções psicológicas individuais. Ao comentar o sonho do cafre, por exemplo, ele destaca que esse desempenha na tribo, a mesma função que o pensamento para nós já que os sonhos entram em relações completamente novas com uma série de funções, podendo ser observados em relação a toda uma série de outros processos psicológicos. Afinal, para o cafre o novo sistema de comportamento surge de determinados conceitos ideológicos: o conceito individual do sonho (e sua função) está integrado ao sistema conceitual da tribo, marcado pelo processo de significação e os processos ideológicos.

É preciso assinalar, por um lado, a conexão que alguns sistemas mantêm não só com signos sociais, mas também com a ideologia, e o significado que tal ou qual função psicológica adquire na consciência das pessoas, ao passo que, por outro lado, o processo de aparecimento de novas formas de comportamento a partir de um novo conteúdo é extraído pelo homem da ideologia do meio que o rodeia. (Vigotski, 2004, p. 117).

Nessa discussão, sobre os sistemas psicológicos, Vigotski se volta ainda à idade de transição e assinala que a essência do desenvolvimento psicológico não se baseia no desenvolvimento como um processo de carácter meramente evolutivo, mas na mudança de conexões que vão se estabelecendo ao longo de todo o processo. A partir de estudos de Leontiev salienta que a característica central dessa idade é que mudam as relações do pensamento com as outras funções e se altera o processo como um todo, em decorrência da formação de conceitos.

Para Vigotski, a chave à compreensão de todos os processos de desenvolvimento, mas também de involução e desintegração em casos patológicos está na formação de conceitos, de funções que se consolidam e se definem na idade de transição. O conceito aparece como central, como um todo e complexo sistema psicológico. No entanto, ele é compreendido de maneira diferente da lógica formal, pela lógica dialética. Em uma formulação nova do problema relacionado com a formação do conceito em psicologia, ele propõe que ao se tornar cada vez mais amplo, o conceito refere-se a um número cada vez maior de objetos, não empobrece, mas enriquece seu conteúdo, não se limitando a um conjunto de traços abstraídos dos objetos num esquema formal. O conceito não consiste em uma fotografia congelada de uma coleção de traços de um dado objeto, nem depende de que se apaguem os traços individuais do objeto; ele se mostra em suas relações e conexões. Nesse sentido, em termos psicológicos arremata Vigotski, ele se coloca

como uma possibilidade de desenvolver o pensamento e, em última instância, uma concepção do mundo. “Nesse sentido, parece-me admirável a observação de V. I. Lenin sobre Hegel, quando diz que o mais simples fato de generalização encerra uma convicção a respeito do mundo exterior, do que ainda não temos plena consciência” (Vigotski, 2004, p. 122).

Ocorre que, somente na idade de transição se formaliza essa função e o adolescente passa a pensar com/por conceitos, partindo de outro sistema de pensamento, das conexões complexas.

O conceito é um sistema de apreciações, que inclui em si uma relação no que diz respeito a um sistema muito mais amplo. A idade de transição é a idade de estruturação da concepção de mundo e da personalidade, do aparecimento da autoconsciência e das ideias coerentes sobre o mundo (Vigotski, 2004, p.123).

Nesse sentido, ele atesta que é durante a idade de transição que se consolida a formação definitiva de todos os sistemas psicológicos. Com isso, argumenta que uma chave para a compreensão dessa idade é a psicologia da esquizofrenia, se detendo, então, em uma série de estudos (de autores como Blonski e Kretschmer) ao discutir a relação entre os problemas da esquizofrenia e a idade de transição (os traços característicos desta são observados naquela; o que se manifesta na idade de transição de forma confusa chega no limite na patologia) - em que pesem os equívocos na formulação do problema e as conclusões dos autores. Na verdade, pontua Vigotski (2004), a esquizofrenia e a idade de transição estão em relação inversa: na primeira, se observa segundo ele, a desintegração das funções que se criam na idade de transição e, ainda que se cruzem numa mesma estação, tais funções vão em direções contrárias e afirma: “a essência da questão localiza-se nesse caso não tanto nas mudanças intelectuais e afetivas, mas na elevação das conexões existentes” (p. 124); afinal “a primeira coisa que se desintegra no esquizofrênico é a função da formação de conceitos”; podendo ocorrer uma mudança na correlação entre a vida intelectual e a afetiva. “As ideias e os sentimentos não variam, mas todos perdem a função que desempenhavam no sistema complexo” (p. 125). Há uma desintegração dos sistemas que são de origem social, ainda que se conservem as funções em si mesmas (memória, atenção, percepção etc).

É interessante que, nesse momento, ele vai recorrer a Espinosa ressaltando seu posicionamento ou perspectiva genética com relação aos afetos, para defender que:

No processo de desenvolvimento ontogenético, as emoções humanas entram em conexão com as normas gerais relativas tanto à autoconsciência da personalidade quanto à consciência da realidade. (...) E é nessa complicada síntese que transcorre a nossa vida. O desenvolvimento histórico dos afetos

ou das emoções consiste fundamentalmente em que se alteram as conexões iniciais em que se produziram e surgem uma nova ordem e novas conexões. (...) Em termos simples, nossos afetos atuam num complicado sistema com nossos conceitos. (Vigotski, 2004, pp.126-127).

Assim, na esquizofrenia, quando os sistemas se desintegram e se produz uma certa inabilidade afetiva, os afetos se separam e agem à margem desse sistema conceitual e ideológico; ou ao contrário, os afetos começam a modificar o pensamento que fica a serviço de interesses e necessidades emocionais.

Em suma, o estudo dos sistemas e suas funções é instrutivo tanto para a compreensão do desenvolvimento, como para a sua desintegração, trazendo implicações ao campo educacional e clínico. A chave para compreensão está radicada na ideia dos sistemas psicológicos que não surgem direto da conexão de funções, mas dos sistemas em conexão - em franca contraposição à teoria localizacionista; já que o que observamos nos processos psíquicos é a atividade conjunta de áreas diversas em uma complexa colaboração entre uma série de zonas distintas. "O substrato cerebral dos processos psíquicos não é integrado por setores isolados, mas por complexos sistemas de todo o aparelho cerebral" (Vigotski, 2004, p. 131).

Assinalando o trabalho de K. Lewin, Vigotski diz que ele tem razão ao afirmar que a formação dos sistemas psicológicos coincide com o desenvolvimento da personalidade - o que será adensado em seu texto sobre o atraso mental.

Em "O problema do atraso mental", Vigotski (1997) vai se debruçar sobre a relação intelecto-afeto na abordagem teórica e experimental do problema da deficiência, trazendo conclusões interessantes na linha argumentativa que colocava a linguagem e os processos semânticos como centrais para o psiquismo humano e a consciência. Nesse texto, o autor faz uma discussão sobre as principais tendências ou correntes teóricas que enfrentavam a questão e se encontravam em franca oposição. Segundo o autor, na tendência intelectualista, a "insuficiência mental" ou "déficit intelectual" se colocava como elemento fundamental do problema, de modo que todos os outros aspectos da personalidade eram secundários em sua abordagem e superação. Não se via, dessa forma, a diferença essencial em outra esfera que compõe o psiquismo humano: a afetivo-volitiva. Por outro lado, a tendência que tomava essa esfera e enfocava o transtorno da vontade como pilar para a discussão da deficiência, se evidenciava a ausência ou insuficiência fundamental no nível superior de desenvolvimento da vontade e nos impulsos volitivos básicos. As pessoas com deficiência intelectual, para essa abordagem, careciam de vontade intelectual e moral e, ao mesmo tempo, da vontade primária. Chegava-se a afirmar que não tinham qualquer capacidade para aplicar livremente suas faculdades aos

fenômenos de caráter moral e abstrato, configurando uma espécie de atrofia da vontade. De um lado ou de outro, a "debilidade mental" era fonte fundamental à explicação do problema do atraso mental.

Na revisão do problema, uma dupla fonte se mostrava profícua, para Vigotski: i) os estudos clínicos na área da psicologia experimental - sobre as diferentes formas de "debilidade mental", em especial as não congênitas; sobre a esquizofrenia e a encefalite epidêmica - inserção do conceito de demência afetiva, demência do impulso; fatores extraintelectuais na origem da demência; ii) e os estudos sobre o afeto e ação, destacando a sua importância para a vida psíquica e para funções intelectuais.

Na área da psiquiatria clínica e psicologia experimental, se destacava o trabalho de Kurt Lewin sobre a teoria dinâmica da debilidade mental infantil, centrada nas esferas mais amplas da vida psíquica, da personalidade. Já na Psicologia estrutural alemã, se impunha o trabalho de Kohler que se dedicava justamente à natureza do ato intelectual dos macacos antropóides, considerando as variações das estruturas do campo visível, diferenças com relação à criança com atraso mental.

Vigotski (1997, p. 125) comenta de maneira mais detida e pontuada a teoria de Lewin, destacando as diferenças do triplo gênero que formam a "característica individual do homem": 1. na estrutura da personalidade; 2. no material psíquico e no estado dos sistemas psíquicos; e 3. diferenças no conteúdo e o significado dos sistemas: podem ser diferentes em crianças de diferentes sociedades, culturas em dependência das condições históricas específicas.

Com isso, o autor argumentava sobre a necessidade de esclarecer as diferenças específicas radicais da personalidade da criança com atraso mental com relação à criança considerada normal: em especial, a questão da diferenciação na vida psíquica. Nesse caso, duas particularidades fundamentais das crianças com atraso mental se destacavam: o grau de diferenciação da estrutura da personalidade (lembra uma criança menor) e propriedades do material psíquico - menos dinamismo dos sistemas psíquicos (criança maior). Para a criança com atraso mental situações diferentes são um todo muito mais dividido e fechado o que geraria dificuldades em engajarem-se na atividade se a tarefa exige vinculação entre as situações ou participação simultânea nas mesmas; além de exigir maior energia na perseguição de objetivo e concentração, passando com isso, a uma nova atividade com mais facilidade. As particularidades da vida afetiva explicariam as dos processos intelectuais dois fatos separados entre si, transformam-se em partes dependentes de um todo único. A diferenciação e complexificação dos sistemas psicológicos nas crianças com atraso mental se dariam em conjunto com o caráter mais concreto do pensamento e o grau de diferenciação da personalidade, sua menor mobilidade em certas situações e problemas. Na criança considerada normal,

haveria uma possibilidade de variar o campo percebido de acordo com sua vontade - capacidade para concentrar voluntariamente a atenção nos diferentes aspectos e momentos da situação. Essa diferenciação seria mais importante que as propriedades do material psíquico em si.

Em uma análise crítica dos fatos e dos princípios teóricos, Vigotski vai apontar então que, a teoria dinâmica de Lewin coloca o problema para além dos marcos estreitos da teoria intelectualista, nos marcos da teoria da vida psíquica em geral e que coloca ainda, uma das pedras fundamentais aos estudos na área: a ideia da unidade do intelecto e do afeto no desenvolvimento da criança com atraso mental.

Por outro lado, entre os problemas da teoria dinâmica estaria, para Vygotski (1997), o fato de que o problema do intelecto e do afeto são estabelecidos e solucionados de maneira antidialética, metafísica, fora da ideia do desenvolvimento. Lewin incluía a criança com atraso mental em suas análises, mas assumia com um padrão psicológico ou uma medida de aferição a operação intelectual do macaco, estabelecendo o problema à margem do desenvolvimento e a consideração do intelecto como essência invariável do ponto de vista metafísico. Lewin diferenciava as particularidades inerentes ao material dos sistemas dinâmicos e a estrutura desses sistemas ao dividir as particularidades distintivas do afeto em variedades concretas, mas tomava o intelecto como um todo único, uniforme e homogêneo. Com isso, se perde de vista a dependência entre os processos intelectuais e afetivos e se situava o problema do intelecto e do afeto em iguais condições, mas se tomava o afeto de maneira antidialética.

Vigotski enfatizava que ele desconhecia a regra dialética básica: no curso do desenvolvimento causa e consequência trocam de lugar, ou seja, as funções psicológicas superiores exercem influência retroativa nos processos que as originam. Ele afirmava que não mudam apenas as funções fisiológicas, mas os nexos interfuncionais e as relações entre os diferentes processos - tal como argumentava em seu texto sobre os sistemas psicológicos.

A conclusão vigotskiana aponta para o fato de que o defeito das correntes do intelectualismo e do voluntarismo era o mesmo: o caráter metafísico inerente a ambas as teorias - consideram a base essencial dos processos como essência singular, isolada das condições de existência e que não muda no curso do desenvolvimento.

Vygotski (1997) argumenta que não existem duas classes de dinâmicas independentes do caráter das funções que são postas em movimento pelos processos dinâmicos, nem duas classes independentes de atividades independentes dos sistemas dinâmicos. O que existe são duas unidades das funções dinâmicas: o pensamento e a atividade real. Dessa forma, pensamento e atividade real não são esferas isoladas - observamos na realidade viva a transformação do pensamento em ação e dessa em pensamento. Nesse sentido, há para ele,

uma interdependência de afeto e intelecto que atesta a impossibilidade do pensamento não motivado e da ação sem causa de afetação.

Nesse momento, o autor faz uma referência direta a Espinosa, trazendo a definição de afeto do filósofo: “o que aumenta ou diminui a capacidade de nosso corpo para a atividade e obriga o nosso pensamento a mover-se em certo sentido” (Vygotski, 1997, p. 351).

O erro central da teoria de Lewin radica no fato de que, para Vygotski (1997), ele separa o problema da dinâmica e o problema do intelecto e não trata das relações entre eles. As possibilidades de atividade racional e livre - característica distintiva do homem - se dá na perspectiva de Engels (1979), pois “somente o homem pode deixar impressa a pegada da sua vontade na natureza” (p. 353); o intelecto não pode se desenvolver à margem das atividades, em especial do trabalho. Vygotski (1997), então argumenta que pesquisas especiais demonstram que “o grau do desenvolvimento é o grau de variação da dinâmica do afeto, da dinâmica da ação real, na dinâmica do pensamento” (p. 355).

Ele destaca, em especial, três séries de experimentos em que se analisavam o afeto e o intelecto na atividade da criança: 1. Saturação da atividade - crianças com atraso mental: mudança da atividade, superar os afetos negativos com a introdução de outros estímulos, instrumentos (lápiz); criança normal: mudança no sentido da atividade (ajudar o colega) podendo retirar todos os estímulos; 2. Tendência a retornar a atividade interrompida diante do impulso afetivo não liberado - sensibilidade com relação ao campo visual, perceptivo; a criança com atraso fica escrava desse campo; 3. O caráter de substituição da tendência afetiva nas atividades interrompidas: mudança da atividade fundamental sem alterar o sentido (modelar um cachorro, desenhar um cachorro) mudança sem alterar a natureza da atividade (modelar um trilho para um vagão); diferença essencial: atitude oposta nas crianças com atraso - a tarefa análoga quanto ao sentido não se apresenta como substitutiva.

Ao comentar tais estudos e pesquisas, Vygotski (1997) afirma: “O sentido da situação para a criança determinou toda a força do impulso afetivo relacionado à situação” (p. 356). Aqui, é importante assinalar que dimensão do sentido ganha destaque e dá corpo a sua elaboração sobre a consciência humana. As funções psicológicas superiores são, para ele, funções intelectuais e volitivas ao mesmo tempo: “É inerente às funções psicológicas superiores, na mesma medida, uma natureza intelectual distinta, tal como uma natureza afetiva diferente. Todo o problema consiste em que o pensamento e o afeto representam partes de um todo único: a consciência humana” (Vygotski, 1997, p. 354). Nessa discussão, ele defende ainda que a interiorização e domínio das funções psicológicas superiores avançam de mão dadas no que ele então vai denominar a unidade semântica - de sentido - dos sistemas que compõem a

consciência, coroando sua elaboração teórica iniciada já nos textos em que discorre sobre a gênese das funções sobre os sistemas psicológicos.

Nessa linha, o que Vigotski vai defender de maneira contundente é que é preciso encontrar a unidade indivisível do intelecto e do afeto - o que, a nosso ver, o leva à proposição da unidade semântica da consciência - o signo - que se evidencia já nesse texto, se expande em trabalhos posteriores com o desenvolvimento de sua teoria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### **A emergência da unidade: sistemas psicológicos catalisados pela significação e a deficiência intelectual**

Ao longo deste texto buscamos demonstrar que, ao tematizar o problema de deficiência intelectual Vigotski não se vincula apenas a uma discussão de cunho defectológico, mas sintetiza questões epistemológicas centrais para o entendimento do psiquismo humano em uma abordagem histórico-cultural. Com ares de herança científica, o autor defende a unidade dos processos afetivos e intelectuais e nos convida a analisar a deficiência intelectual não apenas pelo déficit, mas a decifrar os processos e mecanismos que a constituem. Assim, Vigotski avança ao defender que “tudo reside no fato de que o pensamento e o afeto representam partes de um todo único – a consciência humana” (Vygotski, 1997, p. 268) e ao demarcar que o psiquismo se organiza a partir de nexos e relações interfuncionais entre as funções psicológicas/sistemas psicológicos tendo a palavra como núcleo estruturante.

No início do texto *Sobre os Sistemas Psicológicos*, Vigotski (2004) argumentava sobre a intrincada relação entre pensamento e linguagem e assinalava a mudança no nexo inicial entre as funções (ao abordar a filogênese e a ontogênese). Ele apontava que essa relação não permanecia igual durante o desenvolvimento posterior da criança; mas que ocorriam mudanças com conexões concretas. Mesmo ao tratar da esquizofrenia, a questão era enfrentada por Vigotski. Ele se interessava mais pelos estudos da patologia nos últimos anos de sua produção, ao discutir a involução dos processos e a desintegração do conceito - o que também é retomado na obra *A Construção do Pensamento e da Linguagem* (Vygotsky, 2001).

Nesse último texto, Vigotski se dedica a discutir a relação interior entre o pensamento e a linguagem, no decorrer dos estágios do desenvolvimento filogenético e ontogenético; e, mais especialmente, a relação entre consciência e palavra, sentido/significado. As relações surgem e se constituem unicamente no processo do desenvolvimento histórico da consciência humana; são produto e não premissa da formação do homem.

Não quer dizer que sejam duas forças externas, independentes que fluem e atuam paralelamente, que se cruzam em determinado momento entrando em interação mecânica – segundo ele, a falha mais comum

das investigações, cujo método daí decorrente era destinado ao fracasso:

(...) para explicar as propriedades do pensamento discursivo como uma totalidade, ele decompunha essa totalidade nos seus elementos constituintes – em pensamento e linguagem, que não contêm propriedades inerentes a essa totalidade e, desta forma, fechava antecipadamente o caminho para a explicação dessas propriedades. (Vygotsky, 2001, p. 396).

Então, ele traz uma comparação com a decomposição da água em moléculas isoladas de oxigênio e hidrogênio.

De igual maneira, afirmar que o pensamento verbal contém os processos intelectuais e as funções propriamente verbais significa afirmar uma coisa que diz respeito a todo o pensamento verbal e a todas as suas propriedades e, assim, implica não dizer nada sobre cada problema concreto que se coloca diante da investigação do pensamento discursivo. (Vygotsky, 2001, p. 397).

O que Vigotski fez, então, foi substituir a análise que aplica o método da decomposição em elementos pela análise que desmembra a unidade complexa do pensamento discursivo em unidades várias, entendidas estas como produtos da análise.

Encontramos no significado da palavra essa unidade que reflete da forma mais simples a unidade do pensamento e da linguagem. O significado da palavra, como tentamos elucidar anteriormente, é uma unidade indecomponível de ambos os processos e não podemos dizer que ele seja um fenômeno da linguagem ou um fenômeno do pensamento. A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra. É a própria palavra vista no seu aspecto interior. (...) É um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a unidade da palavra com o pensamento (Vygotsky, 2001, p. 398).

Se nos voltarmos à análise do significado da palavra na ontogênese, podemos observar que trata de um processo no qual o significado da palavra se expande, sofre alterações e transformações ao longo do desenvolvimento. O significado é o resultado de um sistema de relações que se objetivou, que se tornou possível no curso histórico, ou seja, é um sistema mais estável de generalizações sintetizado em uma palavra, marcando-a de maneira mais fixa para todas as pessoas e viabilizando assim, a comunicação. Tal sistema pode ter diferentes nuances, profundidade, grau de generalização e alcance dos objetos por ele designados, mas conserva certo núcleo permanente, determinado conjunto de enlaces, ainda que sofra transformações semânticas ao longo da história.

A preocupação do autor em revelar a dinâmica dos significados na linguagem em funcionamento, o leva a evidenciar a significação da palavra no contexto de seu uso (Smolka & Góes, 1994; Góes, & Cruz, 2016). Assim, Vigotski também agrega conceitualmente a esta discussão a noção de sentido - que estaria mais próxima da dimensão pessoal do processo. A significação é compreendida, então, como uma relação dialética entre significado e sentido que emergem nas relações sociais e que, posteriormente, são convertidas no plano pessoal, intrapsicológico (Pino, 2005). No processo de significação, as palavras estão em constante transformação no tensionamento entre o que se perpetua e o que se estabiliza. Ou seja, tudo aquilo que se refere aos aspectos ligados a uma situação dada e às vivências afetivas do sujeito na relação com a palavra em seu processo de significação. Assim sendo:

A significação, isto é, a criação e o uso de signos, é a atividade mais geral e fundamental do ser humano, que diferencia o homem dos animais do ponto de vista psicológico (Vygotski, 1995, p. 84). (...) Nos níveis mais altos de desenvolvimento, surgem relações mediadas entre os indivíduos. A característica essencial dessas relações é o signo ... Um signo é sempre, no começo, um meio/modo de interação social, um meio de influenciar os outros e torna-se, então, apenas um meio de influenciar a si mesmo (Vygotski, 1995, p. 83).

O processo de significação - que abarca significado e sentido, que é social e subjetivo ao mesmo tempo e contraditoriamente - assume relevância nas diferentes atividades realizadas pela criança - com ou sem deficiência. Com isso, podemos concluir que a dimensão sistêmica, semântica e interfuncional, atravessa e marca a produção de Vigotski sobre a deficiência intelectual ao defender que funções psicológicas estão organizadas em sistemas que estabelecem constantes conexões entre si,

e (con)formam a personalidade a partir de uma determinada textura social em que surgem os processos ideológicos.

## REFERÊNCIAS

- Engels, F. (1979). *Dialética da natureza*. Tradução de Leandro Konder. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Góes, M. C. R., & Cruz, M. N. (2016). Sentido, significado e conceito: Notas sobre as contribuições de Lev Vigotski. *Pro-Posições*, 17(2), 31–45. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643627>
- Pino, A. (2005). *As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez.
- Smolka, A. L. B., & Góes, M. C. R. (1994). *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento*. Campinas: Papirus.
- Van der Veer, R., & Valsiner, J. (2001). *Vygotsky: uma síntese*. São Paulo: Loyola.
- Vigotski, L. S. (2004). *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2018). Acerca dos processos compensatórios no desenvolvimento da criança mentalmente atrasada. *Educação e Pesquisa*, 44, e440030001. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844003001>
- Vigotski, L. S. (2020). Base biológica do afeto. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, 7(2), 161-164.
- Vigotsky, L. S. (2004). *Teoría de las emociones: Estudio histórico-psicológico*. Madrid: Ediciones Akal.
- Vygotski, L. S. (1997). *Fundamentos de defectología: Obras escogidas, vol. V*. Madrid: Visor Distribuciones, S.A.
- Vygotski, L. S. (1995). *Obras Escogidas. Tomo III. Problemas del desarrollo de La psique*. Madrid: Visor Distribuciones.
- Vygotsky, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

### Nota

Este artigo é parte do Dossiê: **(Im)Pertinências dos estudos de Vigotski em Defectologia (1924-1935) para as investigações contemporâneas sobre a pedagogia e a clínica numa perspectiva inclusiva**, organizado por: Daniele Nunes Henrique Silva; Ana Paula de Freitas e Fabrício Santos Dias de Abreu.

### Editora de seção

Sonia Mari Shima Barroco

### Disponibilidade de dados

Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do documento.

Recebido em: 15 de setembro de 2024

Aprovado em: 08 de janeiro de 2025